

RESENHA

As Ideias Conservadoras: Explicadas A Revolucionários E Reacionários

Jose Normando Gonçalves Meira *

Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação em Educação, Montes Claros-MG, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-1105-4322>

Resenha

COUTINHO, João Pereira. **As Ideias Conservadoras: Explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2018

* Doutor em História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da UNIMONTES. E-mail: meirajng@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas

DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1678-2593.2021v20n45.52708>

As Ideias Conservadoras: Explicadas A Revolucionários E Reacionários

Jose Normando Gonçalves Meira

Resenha

COUTINHO, João Pereira. **As Ideias Conservadoras**: Explicadas a revolucionários e reacionários. São Paulo: Três Estrelas, 2018

O jornalista, cientista político e professor da Universidade Católica Portuguesa, João Pereira Coutinho apresenta, na obra em análise, respostas às perguntas: O que é conservadorismo? O que é ser um conservador? Propõe-se a discutir essas questões, apresentando fundamentos teóricos e históricos que contrapõem ao que ele considera rotulações apressadas, superficiais e até preconceituosas sobre o tema. Argumenta contra a predominante apresentação do conservadorismo, na perspectiva do “fanatismo progressista”, como imobilista, reacionário, autoritário e até fascista (p. 97,98). Considera necessário aprofundar-se nessa análise, evitando formulações caricaturais, sempre prejudiciais ao saudável debate acadêmico. Trata-se de uma abordagem concisa e, ao mesmo tempo, abrangente. Linguagem acessível, bastante adequada para os iniciantes no estudo das ideias políticas e suficientemente consistente para ampliar o referencial teórico para estudos dessa área do conhecimento.

O autor inicia as suas considerações, reconhecendo a impertinência de apresentar um conceito fechado para o seu objeto de estudo, pois, segundo ele, “Conservadorismo não existe. Existem conservadorismos, no plural” (p.9). Fundamentando-se em autores que representam o pensamento conservador como Kirk (2013), Scruton (2015), Scruton (1016) e, especialmente do pensador e parlamentar irlandês, Edmund Burke (1729-1797), em vez de uma

“definição” de conservadorismo, apresenta princípios norteadores do pensamento conservador. Embora seus objetivos específicos se atenham ao campo político, aponta articulações entre a “disposição conservadora” aos diversos aspectos da vida.

Destaca duas características centrais do conservadorismo que considera fundamentais para a sua compreensão: antirrevolucionária e antiutópica,

O Conservadorismo político recusa os apelos do pensamento utópico, venham eles de revolucionários ou reacionários (...) recusa os apelos utópicos que fazem da fuga para o futuro (ou para o passado) um programa de ação no momento presente” (p.26)

O conservador, segundo Coutinho (2018) não é um imobilista, contrário às mudanças, mas é cuidadoso na implementação das reformas necessárias, realizando-as sempre considerando o que é necessário e o que é possível mudar com segurança. A revolução, o rompimento com o que foi trabalhosamente construído pela tradição, e o estabelecimento de uma realidade nova, desconhecida, ainda que desejável, é considerado pelo conservador uma imprudência e uma possibilidade de destruição. Esses ideais revolucionários normalmente estão articulados com a utopia, a promessa da concretização do sonho de uma realidade perfeita. Essas promessas, submetidas ao crivo da história, revelam resultados frustrantes. As promessas de “céu na terra” que motivaram ações revolucionárias, resultaram em verdadeiros “infernos” onde a experiência foi de sofrimento, destruição e morte,

Ser conservador, então, é preferir o familiar ao desconhecido, o testado ao nunca testado, o fato ao mistério, o atual ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, o riso presente à felicidade utópica (Oakshott apud Coutinho, 2018, p. 22)

Cita a crítica de Alexis de Tocqueville aos revolucionários

franceses que, abandonando as virtudes insubstituíveis da política: observação, prudência e a experiência, elaboraram uma constituição apenas baseadas nas regras da lógica, da qual,

Aqui residia o problema fundacional da Revolução Francesa: confundir a política com um cálculo matemático; e os seres humanos de uma comunidade real com enunciados de uma mera equação. Tudo em nome de um estado perfeito que, obviamente, existia apenas na cabeça dos filósofos (p. 36)

Coutinho (2018) ressalta que o conservadorismo não se opõe apenas às ambições utópicas da ideologia revolucionária que apontam para um futuro glorioso na terra. Recusa também às fantasias do reacionário que, romantizando a realidade passada, propõe uma volta a um imaginado paraíso perdido, a uma idade de ouro. Nesse sentido, o reacionário é um revolucionário às avessas, ao qual o conservador não deve ser associado. O conservador nessa perspectiva, portanto, não se deixa seduzir pelas “maravilhas” utópicas. Não deixa o certo, pelo duvidoso. Remetendo-se a Kirk (2013), considera a política “a arte do possível”. Humildemente reconhece a imperfeição humana e, conseqüentemente, a incapacidade dos homens em produzir uma sociedade perfeita. Nem por isso, deve-se permanecer imóvel, acomodado com as imperfeições constatadas. As reformas devem ser feitas com paciência, prudência e segurança.

O respeito às tradições que é uma peculiaridade do conservadorismo não deve ser confundido com a ilusão dos reacionários ou um tipo de saudosismo. Neste ponto, Coutinho (2018) recorre ao pensamento de Edmund Burke para argumentar sobre a “função educacional das tradições”. São as tradições de uma comunidade que permitem ao indivíduo, isoladamente considerado, a entrar na “grande conversa da humanidade”. Para Burke, a sociedade é um contrato entre os vivos, os mortos e os que estão para nascer. A “grande conversa da humanidade” acontece em três tempos: o passado, o presente e o futuro. Ao indivíduo cabe receber o que foi preservado; desfrutar fielmente do que recebeu e passa-lo responsabilmente às futuras gerações. O autor argumenta que o

conservadorismo reconhece que a mudança é inevitável em qualquer sociedade humana, composta de seres vivos e racionais. Por uma questão de prudência essa mudança “não deve proceder de doutrinas gerais ou princípios abstratos”.

Na reforma conservadora, as mudanças não excluem a tradição. Ao contrário, valorizando-a, tomam-na como ponto de partida. Apoia-se aqui no pensamento de Karl Popper que considera as tradições como a base das ações políticas, pois oferecem “algo sobre o qual podemos operar” e “algo que podemos criticar e mudar”. Está de acordo com Burke que entendia que a ação política deveria respeitar “um princípio seguro de conservação e um princípio seguro de transmissão, sem excluir um princípio de melhoria [...] Um Estado sem a possibilidade de alguma mudança, é incapaz de se conservar” (Apud COUTINHO, 2018, p. 72,74).

O conservadorismo não é, portanto, imobilista. Pelo contrário, reconhece a necessidade de reformas prudentes, atempadas, evitando o risco de que, por atraso das mudanças necessárias, precipitem-se ações revolucionárias. “Cabe ao agente reformista e conservador, proceder a distinção criteriosa entre o que deve ser reformado e o que deve ser preservado” (P. 78). Sem a pretensão de perfeição, essa reforma deve ter a capacidade de considerar entre as imperfeições toleráveis e as imperfeições intoleráveis para o “edifício” que se procura reformar.

Outro aspecto do conservadorismo que Coutinho (2018) procura esclarecer é a sua relação com o capitalismo. Afirma que, para surpresa dos que pensam que a direita não reconhece e reprova os vícios desumanos do capitalismo e que tal crítica é uma peculiaridade da esquerda: “seria possível escrever um longo manual anticapitalista só com autores conservadores e as suas proclamações contra a sociedade comercial” (p.81). Afirma que grande parte dos conservadores reconhece as lamentáveis tendências da “sociedade comercial” em reduzir as relações pessoais a resultados meramente “economicistas” de ganhos e perdas, “sem que haja outras considerações- mais nobres, mais autênticas, mais incorrompidas -

construindo tais relações” (p. 82). Além de causar efeitos perniciosos sobre as almas dos homens, a existência do livre comércio cria tensões e rupturas na sociedade tradicional. Essas mudanças radicais “colocam em risco princípios e instituições que, apesar de terem sobrevivido aos testes do tempo, podem não resistir às destruições criativas de que a sociedade comercial é tão pródiga” (p. 82).

O conservadorismo é, portanto, vigilante para com os vícios da sociedade comercial ou “capitalismo”. Por outro lado, respeita a natureza humana, que, segundo Adam Smith tem a propensão para “negociar, permutar ou trocar uma coisa pela outra” com o objetivo de “melhorar a sua condição” (p. 87). Assim, embora reconhecendo e reprovando o amor ao lucro que produz “excessos ridículos e viciosos”, a sociedade comercial, a liberdade para a busca de melhores condições de vida, funciona para a criação e distribuição de riqueza. Esse respeito à liberdade das escolhas humanas não deve ser confundido com reverência acrítica aos seus resultados. Nem sempre as ações dos homens no mercado são virtuosas, mas o conservador entende que “o que somos dentro do mercado depende do que fomos (ou somos) fora dele”. Por isso deve ser considerado o valor do que ele chama de “pequenos pelotões” da formação do caráter dos indivíduos: a família, a escola, as igrejas e outras instituições similares. Espera-se, portanto, que produzindo riqueza por meio de um mercado livre sob o império da lei, a sociedade civilizada empenhe-se em “resgatar da pobreza e da privação os mais velhos, os mais doentes e os menos afortunados” (p. 103).

Coutinho (2018) finaliza a sua obra, contestando a acusação ao pensamento conservador que ele considera mais grave: a de ser “fascista”. Para ele, o conservadorismo opõe-se aos radicalismos políticos sejam eles de direita ou de esquerda, reivindicando a prudência, modéstia do governo. Nessa perspectiva, fascismo e comunismo são ideologias gêmeas, identificando-se pelo seu radicalismo revolucionário e utópico (P. 98). Tais características são completamente com os ideais conservadores. Explica os princípios

norteadores de um governo conservador,

[...] um governo modesto e prudente começará por reconhecer, como diria Isaiah Berlin, a multiplicidade de valores e objetivos de vida que os seres humanos perseguem por sua conta e risco no contexto de uma sociedade pluralista. Essa afirmação tem várias implicações – e várias aplicações. O reconhecimento de um universo de escolhas pluralistas significa que não cabe ao poder político decidir a hierarquia de valores sob a qual todos os indivíduos terão de viver suas vidas. Porque são os indivíduos que vivem essas vidas; e são eles que, falhando ou acertando, devem perseguir os objetivos que entendem sem a mão paternalista do Estado (p. 101)

A obra oferece importante oportunidade para que estudantes, professores, pesquisadores das diversas áreas do conhecimento articuladas às ideias, culturas e práticas políticas (cf. RÉMOND, 2003), aproximem-se de temas relacionados ao conservadorismo de forma racional e teoricamente fundamentada. Alimenta o diálogo entre as teorias políticas, especialmente nesse tempo em que no Brasil e em diversas partes do mundo, a polarização ideológica tem provocado discussões apaixonadas. Trata-se de uma publicação relevante por oferecer dados que estimulam novas buscas para a dinâmica produção do conhecimento e para a pluralidade de ideias no âmbito da academia.

Data de Submissão: 22/05/2020

Data de Aprovação: 10/12/2020

Processo de Avaliação: *double blind peer review*

Editor Geral: Jailton Macena de Araújo

Editor de Área: Jailton Macena de Araújo

Assistente Editorial: Maria Aurora Medeiros L. Costa

REFERÊNCIAS

KIRK, Russel. **A Política da Prudência**. São Paulo: E- Realizações, 2013.

RÉMOND, René. **Por Uma História Política**. 2. Ed. Rio de Janeiro: FGV.

SCRUTON, Roger. **O Que é Conservadorismo**. São Paulo; E-Realizações, 2015.

SCRUTON, Roger. **O Que é Ser um Conservador**. São Paulo: Record, 2015.

DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1678-2593.2021v20n45.52708>

Conteúdo sob licença *Creative Commons: Attribution-NonCommercial-NoDerivative 4.0 International* (CC BY-NC-ND 4.0)

